

O Estágio Supervisionado como um locus de experiências da docência

Cicera Mônica Rodrigues da Silvaⁱ 

Universidade Regional do Cariri, Crato, CE, Brasil

Maria Arleilma Ferreira de Sousaⁱⁱ 

Universidade Regional do Cariri, Crato, CE, Brasil

1

Resumo

O artigo tem como objetivo discutir sobre a importância dos estágios supervisionados para a formação de professores (as) e a minha experiência no estágio de regência que se deu na escola de ensino fundamental Mário da Silva Bem, na cidade de Juazeiro do Norte – CE, no bairro Frei Damião. A atuação esteve voltada para turmas do sexto ano do ensino fundamental II, na área de História. Para tanto, o texto que se apresenta resulta de um estudo exploratório qualitativo e bibliográfico acerca do tema e, sobretudo, da experiência nas atividades desenvolvidas. Foi possível concluir que os estágios são cruciais para formação profissional no que tange a mobilização de saberes docentes e constituição da prática. Além disso, o contato possibilita ao aluno(a) está imerso na realidade da escola, haja vista que, os desafios e aprendizagens são postas no dia a dia.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Docência. Experiência.

The Supervised Internship as a locus of teaching experiences

Abstract

The article aims to discuss the importance of supervised internships for teacher training and the experience in the conducting internship that took place at the Mário da Silva Bem elementary school, in the city of Juazeiro do Norte - CE, in Frei Damião neighborhood. The performance was aimed at classes of the sixth of elementary school II, in the area of History. Therefore, the text presented is the result of a bibliographic study on the subject and, above all, of my experience. This regency cycle is very important for the initial training of undergraduates, in it we can mobilize knowledge and teaching practices.

Keywords: Supervised internship. teaching. Experience.

1 Introdução

Os cursos de licenciatura são responsáveis pela formação profissional dos professores (as). Com isso, temos dois eixos que se completam, a formação inicial e a continuada. No decorrer dessas formações os formandos buscam desenvolver seu ofício e se constituírem enquanto docentes. Pimenta (1997) elenca que:

[...] espera-se da licenciatura que desenvolva, nos alunos, conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem, permanentemente, irem construindo seus saberes docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino, como prática social, lhes coloca no cotidiano. Espera-se, pois, que mobilize os conhecimentos da teoria da educação e da didática, necessários à compreensão do ensino como realidade social e, que desenvolva neles, a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazeres docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores (PIMENTA, 1997, p. 6).

Entende-se que desde a formação inicial, as licenciaturas propiciam aos estudantes alicerces para o desenvolvimento e construção da sua formação. Os saberes, as práticas e sobretudo, a identidade profissional, tendo todos como aspectos dinâmicos. Espera-se que os licenciandos mobilizem os saberes dentro de uma prática reflexiva, inclusiva e ligada à realidade social dos seus alunos, pois dessa forma, pode-se lidar com os problemas cotidianos da sala de aula.

Nos cursos de formação de professores temos o momento em que os estudantes se inserem no cotidiano das instituições de ensino da educação básica. As referidas disciplinas são chamadas de “estágios supervisionados”. Essa imersão é muito importante para a constituição da formação profissional. Nesse sentido, o estágio supervisionado IV faz parte da grade curricular do curso de História da Universidade Regional do Cariri - URCA. Esse componente se apresenta como um espaço formativo onde o licenciando pode ter contato com a regência em escolas públicas, lecionando no ensino fundamental II (6º ao 9º ano).

O presente artigo tem por objetivo principal discutir acerca desse período de atuação no estágio de regência nas turmas do 6º ano do ensino fundamental II, que se deu na escola Mário da Silva Bem, situada no bairro Frei Damião, na cidade de Juazeiro do Norte - Ceará. Além disso, procuro discutir a formação do bairro onde a escola está localizada e seu processo de marginalização. De antemão, entende-se que isso pode vir a ser uma espécie de desafio com relação ao desenvolvimento dos alunos/as, pois o fator socioeconômico deve ser considerado no campo educacional. Ademais, o texto resulta da minha experiência de atuação e da pesquisa exploratória qualitativa e estudo bibliográfico referente a temática em questão, elencando autores como Pimenta (1997;2017), Feitosa (2019).

Pude notar que as experiências adquiridas no estágio supervisionado IV é de suma importância para se construir enquanto profissional da docência. O olhar que tive após esse período de regência é que a sala de aula é o meu lugar, um sentimento de pertença, de se encontrar. Entretanto, é também um local de desafios diários, onde precisa-se lidar com fatores internos à escola, mas também externos com relação à realidade social dos indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

3

2 O estágio supervisionado como campo de atuação do aluno-professor¹

No decorrer do processo de formação inicial de professores as disciplinas de estágio supervisionado são de suma importância, pois possibilitam que os licenciandos tenham contato com o cotidiano da escola, o sistema educacional e, sobretudo, mobilizar saberes dentro desse espaço. A referida disciplina desperta o olhar para a realidade da escola, incluindo aqui os desafios e possibilidades. Ressaltando que muitas instituições sofrem com uma carência de materiais e isso se torna um desafio para os docentes.

O estágio supervisionado nos cursos de licenciatura é um componente obrigatório, regido por documentos normativos como a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira), CNE (Conselho Nacional de Educação), PPP (Projeto Político Pedagógico) das instituições formadoras, dentre outros. Desse modo, os discentes precisam alcançar as horas estipuladas dentro da disciplina, realizando as atividades que fazem jus aos objetivos da mesma. Sendo assim, todos e todas precisam passar por esse "momento". Entretanto, para muitos esse é o primeiro contato com a sala de aula e surgem indagações, receios, aprendizados e sobretudo, transformações.

Para tanto, o estágio supervisionado não é um espaço onde vamos desenvolver totalmente a desenvoltura em sala de aula, pois isso demanda tempo, é um processo contínuo. De acordo com Pimenta e Lima, o estágio se configura:

¹ Aluno-professor aqui tem o sentido de estarmos na condição de aluno/a e na condição de professores, ou melhor, se constituindo enquanto professores;

Como componente curricular, o estágio pode não ser uma completa preparação para o Magistério, mas é possível, nesse espaço, professores, alunos e comunidade escolar e universidade trabalharem questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, a realidade dos professores nessas escolas, entre outras (PIMENTA, 2017, p. 95).

4

Desse modo, entende-se que o estágio se constitui como um espaço onde os estagiários podem dar seus “primeiros passos” ao magistério e refletir acerca de sua importância como docentes para a sociedade.

2.1 Bairro Frei Damião: apontamentos históricos

É importante discutir sobre o Bairro Frei Damião porque é o local onde a escola está situada, além disso, é meu lugar de morada. Atualmente, o referido local conta com uma gama de serviços prestado a população, temos: Farmácias, supermercados, escolas em diferentes níveis educacionais, posto de gasolina, lojas de roupas, calçados, artigos para presente, papelarias, posto de saúde, CRAS (Centro de referência da Assistência Social) e espaços de lazer, como praças. O bairro continua crescendo e se desenvolvendo, porém, o estereótipo de “periferia” e “favela” continuam presentes quando ouvimos falar dessa localidade.

Temos muitas famílias vulneráveis e dentro desses núcleos familiares, crianças que procuram na escola, um refúgio. É muito difícil falar em educação onde o bairro carrega consigo o estereótipo de violência, periferia e até mesmo com uma imagem de “onde só mora vagabundo”; é complexo falar que a educação transforma para jovens e adolescentes que veem no mundo do tráfico de drogas e afins uma forma de “ser alguém”, de ter um retorno rápido, quando sabemos que o retorno pela educação demora e muitos/as, não acreditam que a educação pode mudar suas vidas. Entretanto, algumas indagações surgem quando falamos do bairro Frei Damião: Qual a sua origem? Por que ganhou esse estereótipo? O que isso implica na educação? São muitas as dúvidas, mas, nesses escritos não cabe tudo, minha

curiosidade não é apenas de estudante, mas também de moradora a mais de uma década.

O bairro Frei Damião teve suas origens no século XX, a partir de uma movimentação do MST (Movimento dos Sem-teto de Juazeiro do Norte). De acordo com Feitosa (2019), a história da localidade tem:

Iniciado a partir de ocupação coletiva de uma propriedade então pertencente a Igreja Católica, em 1990, entendemos que esse evento, organizado pelo Movimento dos Sem Teto de Juazeiro do Norte (MST), juntamente com outros, está articulado com a inscrição social do bairro na cidade, sua desqualificação e classificação como periferia. Essa inscrição ocorreu a partir do modo como esses acontecimentos repercutiram na constituição da imagem criada sobre o local (FEITOSA, 2019, p. 102).

Nota-se que o bairro, desde suas raízes tem um estereótipo que promove a desqualificação social, cultural e econômica em torno de seus moradores. As pessoas que se uniram ao MST buscavam por moradia, ter direito ao acesso e permanência em um lugar, em uma terra para construir a vida. Esse movimento se tornou perturbador para os bairros ditos “civilizados” e “superiores”. Ser fruto de um movimento social de esquerda pode incomodar muita gente. Inicialmente, foi nomeado de “Mutirão da vida” que fazia menção a essas vidas que seriam construídas nesse espaço.

No decorrer de 1990, organizou-se um cadastro, que chegou a registrar 3.500 famílias, e três manifestações que tomaram as ruas da cidade e objetivavam reivindicar, junto ao poder executivo municipal, moradias para as famílias cadastradas no movimento (FEITOSA, 2019, p. 106).

Dessa forma, percebe-se que já tinha um número grande de pessoas cadastradas, em busca de moradia, através de luta essa população conseguiu conquistar seu espaço. Entretanto, para a mídia e as pessoas que eram contra essa articulação, restou-se procurar criar estereótipos pejorativos. Os habitantes foram vistos como “afavelados” e precisaram de coragem para construir seu espaço, eram

pessoas pobres, de classe social vulnerável, inserido a ocupação e posteriormente o bairro em um imaginário urbano de violência, periferia e “bandidos”.

No tempo presente isso não mudou muito, o imaginário urbano de periferia ainda está na cabeça de muitas pessoas. Partindo do pressuposto que o meio influencia - não determina- essa marginalização no bairro Frei Damião pode vir a ser perceptível no ambiente educacional. Muitas famílias são de classe média baixa, passam por problemas não só econômicos, mas também de afetividade e estruturação; as crianças precisam da escola muitas vezes como um refúgio, para se alimentar e socializar-se. Ademais, temos também jovens que vão à escola munidos de abandono, raiva e violência, ocasionando em confusões e discussões dentro do ambiente escolar.

Sendo assim, falar em educação em um bairro que desde a sua origem tem um estereótipo de periferia é muito complicado, é possível encontrar estudantes que acabam caindo no mundo das drogas, do tráfico, do roubo, dentre outros. São problemáticas que estão presentes em diversas escolas situadas nas então zonas de vulnerabilidade social. Entretanto, acredito que devemos buscar meios para mostrar a esses estudantes que a educação transforma vidas.

3 Relatos de experiência

A realização do estágio de regência se deu na escola de ensino fundamental Mário da Silva Bem, entre os dias 17 de maio de 2022 a 01 de junho do mesmo ano. O que equivale a 3 semanas. Dentro dessa cronologia, eu ministrava 10 aulas na semana e 4 destas, eram destinadas a planejamentos. A atuação se deu nas turmas do sexto ano, do A ao F, pela manhã, respectivamente nas terças-feiras e quartas-feiras, totalizando 5 horas aulas diária. Os assuntos foram em torno da Mesopotâmia e das Sociedades antigas. A saber, os Maias, os Incas e os Astecas. De antemão, eu já sabia que as turmas tinham um déficit de leitura e até mesmo de escrita, pois fiz o estágio de observação nessa escola, sendo assim, tinha uma certa familiaridade com os estudantes. No que tange às metodologias em sala de aula, optei por trabalhar os conteúdos com o auxílio do livro didático, resumos, imagens e

atividades. Além disso, desenvolvemos atividades voltadas para o desenho, pesquisas e perguntas coletivas com resolução no quadro.

Na primeira semana de aula procurei conhecer mais os discentes, foram dias desafiadores, as salas estavam sempre lotadas, “eram muitas crianças para uma vista só”, alguns carinhosos, outros mais fechados, uns conversadores, outros tão calados, a diversidade de alunos dentro de uma sala tão pequena é gigantesca. De todo modo, fui bem recebida por eles, claro que, algumas turmas mais difíceis de lidar que outras. No decorrer das semanas fui me adaptando às turmas e elas a mim. Entretanto, alguns desafios foram persistentes, como, fazer com que os estudantes prestassem atenção nas aulas, diminuir as conversas em momentos de explicação e fazer com que eles realizassem as atividades de casa. Esses problemas voltados para indisciplinas na escola foram presentes no meu cotidiano, muitas vezes não dentro da sala de aula, mas fora dela, no momento destinados a merenda (registro aqui que a instituição não dispõe de intervalo, os alunos merendam dentro da sala, com a presença dos professores). No tocante a indisciplina Sobrinho e Oliveira, nos traz a seguinte reflexão:

A indisciplina representa um dos difíceis fenômenos, geradores de dificuldades no contexto escolar. Trata-se de um fato que vem se agravando de tal forma, que nem mesmo a escola ou a família tem conseguido solucionar a contento o problema. Este fenômeno não representa uma problemática recente, mas pelo contrário, tem sido analisado de diversas formas, pelos autores, sem mesmo mostrarem um consenso entre si, tal é a complexidade dos elementos envolvidos (SOBRINHO; OLIVEIRA, 2016, p. 24).

É interessante notar que os autores colocam a questão da participação da família na luta contra a indisciplina na escola, de acordo com eles, o problema é muito complexo e muitas vezes os pais não conseguem resolver. Partindo desse pressuposto, os pais, precisam estar presente na vida dos alunos, procurando junto da escola soluções cabíveis para tais problemas. Ainda ao que tange a indisciplina, os autores colocam:

Segundo Ferreira (1986, p. 595) a terminologia indisciplina pode ser definida como um “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina;

desobediência; desordem; rebelião”. Neste sentido, o indisciplinado é um indivíduo que “se insurge contra a disciplina”. Tal definição, denotam uma estreita relação entre disciplina e obediência às normas e/ou regras sociais (SOBRINHO; OLIVEIRA, 2016, p. 24).

A partir disso, alguns comportamentos dos discentes em sala de aula e na escola se configuram como atos de indisciplinas. Elenco aqui a não resolução de atividades, as conversas em momentos de explicação, as brigas cotidianas no pátio da instituição, e as ocorrências direcionadas ao núcleo gestor.

8

No decorrer do estágio fui criando formas para lidar com tais problemas. Em primeiro plano, fizemos um acordo que enquanto estivesse na explicação dos conteúdos os alunos iriam prestar atenção e só conversavam quando estivessem escrevendo, o que equivale ao tempo em que estou no quadro branco passando o assunto. Posteriormente, adequiei outro método, levei palavras simples como: amizade, escola, caneta, dentre outras, e coloquei no quadro espaços que iria preenchendo na medida em que os discentes fizessem muito barulho mediante a explicação, se a palavra fosse formada, era mais duas questões para resolverem na sala ou em casa. Pode não parecer, mas isso deu muito certo em praticamente todas as turmas, apenas no 6 ano “A”, nenhum método funcionou. Para mim, isso foi importante porque os professores precisam criar táticas para tentar lidar com os problemas recorrentes em sala de aula, tendo em mente que, em turma “B” pode funcionar de primeira, já na turma “A”, precisa de outras ferramentas. A docência também é isso, vamos nos descobrindo, conhecendo nossos estudantes e a partir disso, criando metodologias para melhorar o processo de ensino-aprendizagem e convivência.

Outro ponto a ser levantado é o déficit de leitura e escrita dos estudantes, desde o estágio de observação o coordenador pedagógico sempre ressaltava a importância em trabalhar a leitura dentro da sala de aula, independente da área de conhecimento, pois sei que sem o ato da leitura os discentes não irão aprender os conteúdos e posteriormente, construir um conhecimento crítico. Dessa forma, procurei aguçar a leitura nos mesmos, ficava muito feliz quando propunha leituras do livro e eles pediam para ler antes mesmo de direcionar as páginas. Ademais, os alunos se mostraram curiosos com os assuntos levados para discussão,

principalmente no que tange ao período da conquista e colonização dos povos indígenas da América.

Diante desse panorama, optei por criar resumos no aplicativo Canva², nesses documentos constavam informações-chaves que foram trabalhadas em sala de aula. Coloquei frases, conceitos ou palavras que pudessem ajudar na compreensão dos conteúdos. Os resumos foram disponibilizados nos grupos do WhatsApp, com a ajuda do professor regente da disciplina de História. Os estudantes diziam que gostavam dos resumos, pois baixavam no celular e olhavam sempre que queriam. No que tange a essa afinidade dos alunos com o meio digital, pude perceber que muitos tinham rejeições em fazer leituras e atividades em sala de aula, optando por querer realizar as mesmas em casa, com o auxílio do celular com internet. Charlot (2008) nos traz a seguinte reflexão:

Ademais, o interesse dos alunos pela comunicação por Internet e por celular faz com que eles leiam cada vez menos textos impressos, enquanto esse tipo de textos permanece a base da aprendizagem escolar da língua e da cultura escolar, e inventam novas formas linguísticas em uma comunicação “pingue-pongue” (CHARLOT, 2008, p. 20).

O que o autor discorre vai de encontro com a realidade que vivemos no cotidiano, é notório que cada vez mais as crianças e jovens passam muito tempo no celular, fazendo uso das redes sociais, inclusive, do “TikTok”³. Isso dificulta o desenvolvimento de leitura de muitos alunos, eles procuram o que seria mais fácil, mais rápido e menos trabalhoso.

Outro fator que “abriu” meu olhar para a docência humanizada, crítica e reflexiva foi o convívio em sala de aula com os discentes, dias após dias era possível notar que muitos tinham necessidades sociais, psicológicas e afetivas a serem atendidas. Alguns alunos tinham trajes bem simplórios, bolsas e materiais escolares em condição precária. Alguns trabalham ajudando os pais de alguma

² É um aplicativo onde dá para criar apresentações, cartões de visitas, avisos personalizados. Tem diversas ferramentas para enfeitar as apresentações de acordo com a preferência de quem está utilizando.

³ É um aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos diversos. Muitas crianças e jovens fazem uso dele no dia a dia.

forma, seja na barraca vendendo verduras, seja com carrinho de reciclagem, ou até mesmo, pedindo ajuda de porta em porta. Essas foram situações que vi fora da escola, como dito anteriormente, moro na localidade há quase 20 anos. Atualmente olhando com o olhar de professora é de entristecer, porque sabemos que a permanência na escola pode ser interrompida por isso, pela necessidade em trabalhar -mesmo não tendo idade para tais atividades.

4 Considerações finais

O estudo objetivou discutir a relevância dos estágios supervisionados, como componente curricular, para formação de professores (as) a partir da minha experiência. Para tanto, priorizou-se a metodologia exploratória qualitativa e estudo bibliográfico sobre a temática. Pude concluir que a atuação no estágio se configurou como um ponto crucial para me entender enquanto professora, pois senti um sentimento de pertencimento à profissão. Para mim, as disciplinas de estágio são importantes porque podemos desenvolver diversos aspectos da nossa formação. Foi uma experiência positiva, desde a convivência com o professor regente da disciplina de História até o dia a dia com os alunos em sala de aula. Os anseios de não conseguir ter uma boa desenvoltura estiveram presentes na primeira semana, mas isso não atrapalhou a minha segurança em ensinar e aprender com aquelas crianças, pois como diz na música dos Novos Baianos “pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto”.

Através do presente estudo pude notar que os estágios supervisionados são importantes para constituição da formação profissional, pois o estagiário(a) tem contato com o chão da escola, ou seja, está vivenciando a realidade escolar, os desafios e os ensinamentos que surgem no decorrer da atuação. Além disso, esse momento é fundamental para mobilização de saberes e construção da prática docente. Ressaltando que, se constrói docente desde a formação inicial.

Em suma, pude colher bons frutos do estágio, recebi muito carinho, principalmente das alunas. A rotina em andar por algumas ruas do bairro se tornou diferente, pois agora uma vez ou outra escuto uma voz dizendo: “Oi professora”; “Oi

tia”; “Professora, como a senhora tá?”; “A senhora mora nessa rua?”; “Olha, ela foi minha professora de História”; dentre outras frases que agora fazem parte do cenário cotidiano. Apesar dos obstáculos encontrados em sala de aula, encontrei também, reciprocidade, atenção e afeto. A docência, para mim, é também afeto e humanização.

Referências

11

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador na contradição. **Revista da FAEEBA – Educação e contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008

FEITOSA, Antônio Lucas. O bairro como projeto e processo: a inscrição do bairro Frei Damião na cidade de Juazeiro do Norte-CE. **Unimontes.br**, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/226>. acesso em: 27 jul. 2022

OLIVEIRA, Gislene; SOBRINHO, Francisco (Org.). **Indisciplina na escola: origem, desafios e soluções**. 1. ed. Olinda: Livro Rápido, 2016. 156p.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores – saberes da docência e identidade do professor. **Nuances**, v. III, set. 1997

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2017. 312p.

ⁱ **Cicera Mônica Rodrigues da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3653-4739>

Universidade Regional do Cariri; Centro de Humanidades; Departamento de História Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri – Urca; Bolsista do Núcleo de História e Cultura Afro-indígena e Africana-NIAFRO pela mesma universidade; Membro do Núcleo de Pesquisa em Ensino, História e Cidadania – NUPHISC.

Contribuição de autoria: Organização e escrita do trabalho.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9279186078843587>

E-mail: smonicarodrigues882@gmail.com

ⁱⁱ **Maria Arleilma Ferreira de Sousa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2912-6320>

Universidade Regional do Cariri; Universidade Estadual do Ceará; Programa de Pós-Graduação em Educação

Professora do departamento de História da Universidade Regional do Cariri – URCA; Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Educação – PPGE; Membro do Núcleo de Pesquisa em Ensino, História e Cidadania – NUPHISC.

Contribuição de autoria: Orientadora do trabalho.

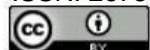
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5308498632287991>

E-mail: arleilma.ferreira@urca.br

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2022

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

SILVA, Cicera Mônica Rodrigues da; SOUSA, Maria Arleilma Ferreira de. O Estágio Supervisionado como um Lócus de Experiências da Docência. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.